

Redacção, Administração e tipografia  
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar  
LISBOA - PORTUGAL  
TELEFONE 539 TRINDADE  
Oficinas de Imprensa e Estriptípia  
RUA DA ATALAIA, 114 e 116  
Este jornal não se publica às segundas-feiras - Não se devolvem os originais - Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

PREÇO 20 CENTAVOS - ANO VIII - N.º 2358

# A BATALHA



DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## O Congresso Pedagógico inicia hoje os seus trabalhos

Inicia hoje os seus trabalhos, conforme anunciamos, o oitavo Congresso ordinário promovido pela União dos Professores Primários.

E' mais uma manifestação de vitalidade do professorado português que neste momento principalmente nos apraz registrar com prazer.

Dizemos que nos é particularmente grato registar esta manifestação de vitalidade porquanto ela surge na ocasião em que um governo saído de um movimento sedicioso, cujos objectivos seriam salvar o país - como afirmavam os revoltosos - acaba de encerrar as Escolas Primárias Superiores.

São de grande interesse as teses que vão ser discutidas. Intitulam-se elas *A casa do professor*; *A educação física na escola primária* e *Trabalhos manuais na escola primária*. Estranhamos, porém, não vermos na ordem dos trabalhos a menor referência aos últimos acontecimentos de carácter educativo: supressão das Escolas Primárias Superiores e ensino religioso nas escolas.

São assuntos importantíssimos, melindrosos mesmo, sobre os quais o Congresso Pedagógico deveria pronunciar-se. Não se comprehende que se produzam acontecimentos desta natureza sem que os professores primários, em cujas mãos está a base da educação nacional, sobre eles dêem o seu parecer.

Estamos convencidos de que, a-pesar-de estes assuntos não virem mencionados na ordem dos trabalhos, o Congresso arranjará alguns minutos para deles se ocupar quanto mais não seja para marcar uma atitude.

E' de esperar que este congresso decorra com a elevação dos anteriores e que resulte um benefício grande para a classe dos professores primários que tanta simpatia nos merece.

A *Batalha*, órgão dos trabalhadores portugueses, dos quais não exclui o professorado, cuja nobre missão lhe merece o máximo respeito, saúda efusivamente o Congresso Pedagógico que hoje inaugura os seus importantes trabalhos.

\* \* \*



## O TRÁFICO DE CRIANÇAS

### "A Batalha" persiste em desvendar o mistério que envolve este caso sensacional

Como um nosso redactor entrevistou uma senhora a quem somos profundamente antípaticos

As revelações que *A Batalha* vem fazendo há dois dias sobre o tráfico de crianças tem causado sensação. Difícil é a tarefa que nos impuzemos de desvendar o mistério e o reato que envolvem essas transações repugnantes. Ontem o nosso campo de ação ainda foi o hospital de São José. O reporter que visitou aquele estabelecimento ainda não era conhecido do seu pessoal. Passou discretamente na onda dos visitantes.

Subiu inúmeras escadas de pedra, percorreu corredores sótanos empestados do cheiro dos desinfetantes, cruzou com enfermeiros e enfermeiras de bata branca - e alcançou, por fim, lá no último andar onde se encontra instalada, a enfermaria de Santa Bárbara, a das parturientes. Entrou na sala de espera. Havia várias pessoas assentadas e de pé, quase todas elas de aspecto modesto, pobre mesmo. Um pai esperava impaciente que lhe permitissem ver uma criança recém-nascida. A um canto um grupo interessante: mãe, que seguia nos braços um bebé e o pai em mangas de camisa fazendo tagareis e falando com o petiz de dias aínda, que, indiferente àquelas carícias extemporâneas, teimava em dormir, os olhos cerrados, a boquinha entreaberta.

### A "infame" campanha da "Batalha"

Que deseja? - perguntou-nos uma enfermeira.

Falar à D. Georgina Duarte, a parteira-chefe.

Diz-nos o seu nome...

Não lho dissemos.

E' um redactor da revista...

E' citámos, ao acaso, o título de uma revista conhecida, que decerto nos perdoará o abuso que fizemos do seu nome para melhor descobrirmos um caso tão importante.

Não esperámos muito. Alguns minutos depois, D. Georgina Duarte, senhora simpática, nova ainda a despeito de algumas brancas indiscritas recebe-nos no seu gabinete.

Mentimos-lhe, ou melhor, ocultámos-lhe que éramos redactor da *Batalha*; continuamos para ela, a ser o redactor da tal revista.

Perguntámos-lhe se já tinha lido *A Batalha*. Não leu. E como se julgava perante um jornalista de outra publicação não teve grande relutância em mostrar o seu desprêz pelo orgão dos trabalhadores que lhe defende os interesses. Sorrímos.

Este jornal vem sempre com estes desparates - disse D. Georgina Duarte.

já leu os artigos que ao caso se referem?

Não, não tinha lido. Demos-lhe um exemplar. Leu o título, uma ou outra frase e classificou de infame o que não chegara a ler com atenção. Aquele *infame* era, prezosos leitores, para nos agradável. Sorrímos uma vez mais, delicadamente, quais agradecemos...

Supõe-se que essa gente que assim adquire as crianças as regista depois com outro nome e filiação. Algumas desaparecem com as crianças sem que ninguém mais saiba do seu paradeiro.

Deixámos-lhe, ou melhor, ocultámos-lhe que éramos redactor da *Batalha*; continuamos para ela, a ser o redactor da tal revista.

E' este jornal que ao caso se refere?

Não, não tinha lido. Demos-lhe um exemplar. Leu o título, uma ou outra frase e classificou de infame o que não chegara a ler com atenção. Aquele *infame* era, prezosos leitores, para nos agradável. Sorrímos uma vez mais, delicadamente, quais agradecemos...

O que nos disse a nossa amável inimiga

A pesar de desconhecer que nós éramos redactor de *A Batalha* D. Georgina foi de uma amabilidade cativante,

Interrogada sobre o tráfico de crianças,

repreviu a sua irritação contra a nossa campanha que não lera ainda, e afirmou em resumo, no que respeita ao pessoal, o que nós já aqui tinhamos escrito. O pessoal que é alheio a esse tráfico e não sabe mesmo se existe.

As crianças - informou-nos a nossa cativante entrevistada - só saem daqui na companhia das mães, depois de conveniências registadas em nome destas últimas.

Mas há casos excepcionais - dissemos.

Sim, há. Se as mães não têm leite ou sofrem de qualquer molestia que pode transmitir-se aos filhos, estes dão entrada na misericórdia. Mas quando as mães têm alta, vão buscá-las àquele estabelecimento acompanhadas por uma criada do hospital.

Citámos-lhe os casos apontados pela *Batalha*. Não sabia o que se passara. Ignorava tudo. Não insistimos. Despedimo-nos. E levámos de D. Georgina Duarte a esplêndida impressão do seu amável acolhimento e a má impressão que ela tem da *Batalha*.

### Alguns indícios que podem ser uma pista

Penetrámos de novo nos longos corredores, desemos mais escadas sombrias e fomos bater a outra porta: a enfermeira chefe do Depósito. Enfermaria sombria, longa, algumas crianças, uma ou outra mulher deitada no seu leito de ferro. A enfermeira-chefe é de meia idade, simpática e simples no trato. Esta conhecia o caso do pequenito António Costa. Assistiu a parte das negociações. Até chegou a dizer a uma das mães:

Maria da Glória:

O' mulher, então você entrega assim a criancinha...

Emília, parece que a madrinha, Eufémia de Jesus, era pessoa de teres e a criança não ia mal.

Nós aqui - disse-nos a aludida enfermeira - não podemos evitar estes casos. Límitamo-nos a registrar as crianças em nome das mães. Elas depois fazem as combinações que entendem. Nós não temos nada com isso.

A nossa amável informadora tinha razão. O pessoal hospitalar não pode impedir que as mães por miséria, por falta de carinho, por conveniências particulares e íntimas, cedam gratuitamente ou em troca de dinheiro os filhos recém-nascidos.

Por este petiz António Costa sabemos que a mãe recebeu dialeiro. A própria madrinha confessou no hospital, perante uma pessoa cujo nome não podemos revelar, que já gastara mais de cem escudos com o pequeno.

Supõe-se que essa gente que assim adquire as crianças as regista depois com outro nome e filiação. Algumas desaparecem com as crianças sem que ninguém mais saiba do seu paradeiro.

Estes factos são como os leitores estão vendo um formidável libelo acusatório contra o Estado que não protege devidamente as mães grávidas, com falta de recursos, nem as crianças que nascem em condições tão tristes.

### Aníbal Lúcio de Azevedo foi demitido

O Diário do Governo publica hoje o seu gesto despolio ministerial:

Concordando com as conclusões do Conselho Disciplinar, aplico a pena de noventa dias de suspensão ao director da Casa da Moeda e Valores Selados, Aníbal Lúcio de Azevedo, o qual será demitido d'este lugar e passado à situação de adido. Deverá levar-se-lhe em conta o tempo que esteve suspenso do exercício e restituindo-se-lhe os demais ordenados a que tiver direito depois de deduzido um quinto de todas as despesas da sindicância. Deve entender-se que a pena imposta é a de suspensão de exercício e vencimento.

Lavrava-se decreto, impondo a pena e determinando a demissão do cargo e passando gem a adido. Publique-se este parecer do Conselho Disciplinar e este meu despedimento.

Em 3 de Agosto de 1926 - O ministro das Finanças, Jodo José Sines de Cordeiro.

Ler na 2.ª página:

### Esperanta Angulo

Esperanta Angulo

CONSTRUÇÃO CIVIL

CONSELHO TÉCNICO

Ler o Suplemento de A BATALHA

## ANGOLA E METRÓPOLE

### As nossas revelações de ontem causaram grande impressão na opinião pública

Foi alargado o prazo até 6 de outubro para a defesa examinar os processos. - Continuam alguns acusados na prisão por falta de fiança.

Causou sensação o artigo de *A Batalha* de ontem. Os exemplares do nosso jornal esgotaram-se rapidamente, afluindo grande número de pessoas à nossa administração onde não ficou um único exemplar, visto que todos se venderam também.

Os documentos confidenciais que publicámos provam de uma maneira clara que tanto Inocêncio Camacho, como António Maria da Silva tinham grandes culpas na emissão fraudulenta de notas do Banco de Portugal.

Desde há longos anos que era báitico defraudar-se o público com êsses aumentos clandestinos de circulação fiduciária. Quando surgiu o escândalo do Angola e Metrópole Inocêncio Camacho e António Maria da Silva sentiram-se em maus lençóis, motivo por que este último, sobrepondo-se à ação da justiça e chamando para seu colaborador na manobra o juiz Alves Ferreira, que por tradição era servil e moldável aos interesses dos governos, tratou de encaminhar as investigações num sentido que não molestasse o Banco de Portugal - praça forte de várias patifarias no mesmo género.

A publicação de alguns documentos confidenciais veio mostrar que inutil foi a manobra de António Maria da Silva - reu do mesmo crime - em dirigir as investigações. Se bem que essa manobra tivesse livrado os. Inocêncio Camacho, Mota Gomes e António Maria da estarem neste momento na Penitenciária de mistura com Alves Reis, Bandeira e outros do Angola e Metrópole, não os salvou porém do conceito público que os iguala aos da burla das notas de 500 escudos.

O prazo para exame do processo

Na sede do Banco de Angola e Metrópole, continuou ontem o exame do processo, pelos advogados dos arguidos. Também ali estiveram o dr. Francisco Menano, o escrivão Aníbal Machado e o advogado do Banco de Portugal, sr. dr. António Horta Osório.

A fim de apreciar vários assuntos, e entre eles o pedido dos defensores, para que seja prolongado até 6 de Outubro, o prazo para o exame do processo e para os agravos das pronúncias, reuniu ontem de manhã, no Ministério da Justiça, o Conselho Superior Judiciário, sob a presidência do sr. dr. José Maria de Sousa Andrade.

A reunião durou até 15 horas. O Conselho deu conta das suas resoluções ao ministro da Justiça.

As resoluções do Conselho Judiciário cífram-se no seguinte:

## REVIRAVOLTA DE IDEAS

### Expõe-se com grande número de argumentos a razão por que somos contrários à supressão do exército permanente

A Bélgica é um país riquíssimo que possui um desenvolvimento industrial e comercial muito superior ao d'este país. A indústria nele não é uma ficção é uma realidade poderosa, tão poderosa que concorre com a de países como a Inglaterra e a Alemanha. Aquele país, a-pesar-de pequeno, marcha na vanguarda da civilização: ao passo que em Portugal não há estradas e pululam os analfabetos, na Bélgica existem estradas e o analfabetismo está extinto.

Dito isto, à guisa de prólogo, acentuaremos, de passagem, que ela está rodeada pelas maiores potências da Europa e que a-pesar-disso resolveu suprimir a sua marinha de guerra. Isto prova que naquele país já se vai compreendendo que os contribuintes, referimo-nos às classes trabalhadoras, cada vez estão menos dispostos a manter com o seu esforço, e com o dinheiro que recebem em troca do seu esforço, uma marinha de guerra que não lhe pode oferecer outra garantia que não seja a sustentação de alguns milhares de pessoas que podem ser de reconhecida utilidade desempenhando funções mais úteis. A Bélgica reconheceu que a sua marinha de guerra, que era incontestavelmente maior e melhor do que o conjunto de barcos-hóteis de décima categoria que dormem no Tejo, rebrilhando sob o sol ardente de Agosto e sob os eflúvios lunares do mesmo mês, para nada servia dada a impossibilidade dela de poder igualar com as das grandes potências.

A Dinamarca, no que é apoiada pelos países escandinavos, ainda há pouco tempo tomou a decisão de suprimir o seu exército permanente por ter reconhecido que a sua inutilidade agravada com o dinheiro que custava era altamente nocivo ao país. A Alemanha e a Áustria, embora coagidas pelas potências que predominam na Sociedade das Nações, têm os seus exércitos reduzidos ao mínimo. As grandes potências,

que seu não esquece facilmente das condições trágicas em que morrem. O seu assassino ainda se encontra impune e gosando da consideração daqueles que, em nome da ordem, têm pela vida humana o máximo desprêzo.

Portugal é o país mais rico da Europa mas não se pode cá viver por carência do que é essencial à vida

Nos últimos dias, estabeleceu-se entre um grupo de operários amigos, uma viva discussão acerca das catadupas de leis, decretos e projectos com que os homens da governança inutilmente costumam inundar.

Considerando que a sociedade ideal que se almeja ainda, infelizmente, não se inaugura com aquela rapidez que seria para de- sejar, aventou-se a hipótese de que muito

se poderia realizar, mesmo sob as bandeiras das actuais instituições burguesas e republicanas, estatais e militaristas, se o governo

que ora nos domina, em vez de pretender fazer-nos todos mentinos-de-côro, quiescesse antes fomentar o trabalho e arcar o

nosso país deficitário e, portanto, lamentavelmente mais importador do que exportador; somos um país pouco higiênico nos grandes aglomerados; somos um país em que uma grande parte da população se debate numa confrangedora crise de moradias; somos um país quasi sem trabalho absoluto. No entanto, no dizer de alguém, somos o país mais rico da Europa...

Pois bem: o governo, a título de favorecer o comércio e a indústria, vai aumentar, ou já aumentou, a circulação fiduciária em mais bastantes desenhos de milhares de contos.

Um dos nossos amigos que entravam na conversa apresentou o perigo dessa e reação fiduciária a mais ir, fatalmente, devorada pelos usuários da finança.

Em seu entender, se houvesse, de facto, boas intenções da parte de quem extrairia, naturalmente preside aos destinos d'este jardim emurecido por falta de irrigações, essa imensurável soma de dinheiro era insuficientemente aplicada na debelação da crise de trabalho, no desenvolvimento da agricultura, no problema da habitação, cando um fundo golpe na exploração ínfame dos bárbaros senhorios.





# A BATALHA

Inicia hoje os seus trabalhos na Escola Académica  
o VIII Congresso Pedagógico



## O trabalho indígena discutido na Conferência Internacional do Trabalho

Da recente conferência internacional do trabalho publica o último número das *Informações Sociais* um extenso relato, no qual se vê como foi tratado o problema da mão-de-obra indígena, assunto que muito interessa ser conhecido dos portugueses.

Tendo o delegado obreiro indio sr. Rai proposto que a Repartição Internacional do Trabalho realize um inquérito sobre as condições de vida e de trabalho conhecida em África e na América com o nome de "mão-de-obra indígena e mão-de-obra de cér" e a inclusão do assunto na ordem do dia da próxima conferência, respondeu-lhe o sr. Cousins, que o governo sul-africano sempre se inspirou em um ideal de solidariedade humana e de igualdade absoluta.

Considera que o inquérito deve ter um carácter geral e basear-se unicamente sobre questões de princípios a aplicar a todos os países onde existem condições de trabalho indígena.

Interviu nesta altura o sr. Fonseca de Montarroyos, delegado governamental do Brasil, dizendo: "Afirmei-me que na América existe uma mão-de-obra conhecida com o nome de mão-de-obra de cér e mão-de-obra indígena.

Devo declarar que na América, ou pelo menos na América Latina, não existe mão-de-obra de cér nem indígena. Sómente existe mão-de-obra, simplesmente. Que os homens sejam negros, amarelos, de todas as cores que querem, não é causa que faça estabelecer distinção de classe. Todos são cidadãos. Por conseguinte, não podemos acelarar de nenhuma maneira esta afirmação contra a qual protesto.

Reforçando esta opinião os delegados dos governos de Cuba, Argentina, Uruguai e Venezuela, o sr. Rai explicou que redigiu a sua proposta em concordância com as deliberações da Conferência de 1925. Então o delegado operário de Cuba disse: "considerar indispensável que se esclareça a situação dos trabalhadores indígenas nos países onde existem, trabalhadores que parecem só tratados de maneira inferior à mão-de-obra branca dos mesmos países".

Por último, a Conferência aprovou por 18 votos contra 3 a seguinte resolução, em substituição da proposta inicial do sr. Rai: "A Conferência, conforme com o acordo adoptado pelo Conselho de Administração de empreender um inquérito sobre as condições do trabalho indígena, espera que depois de realizados os trabalhos do comité de técnicos que se propõe criar, será possível submeter à conferência de 1927 uma memória preliminar sobre esta questão".

## NA PENITENCIÁRIA

### A exploração dos reclusos redobrou escandalosamente

Os arrematantes das oficinas reduziram em 50 e 60 por cento o preço da mão de obra

Existem nesta cadeia duas oficinas de cesteiros, das quais são arrematantes a viuva de Joaquim Rodrigue Eugénio, que tem como administradores um filho, um irmão e um guarda-livros. Têm ao seu serviço 56 reclusos. Da segunda é o sr. Joaquim António da Silva (O Saloio), tendo ao seu serviço aproximadamente o mesmo número de reclusos que o primeiro; este indivíduo também tem uma oficina na hedienda basílica de Monsanto.

Estes srs. na ânsia de aumentar a exploração dos reclusos fizeram uma redução nos preços da mão de obra, de 50 a 60 por cento. Antes desse abatimento já sabiam os leitores e sobretrato a classe de cesteiros a quem este caso deve interessar, o pouco que aferiam.

Eis alguns números para melhor se poder avaliar a roubaileira, e que vai agravar muitíssimo mais a classe dos cesteiros de Gonçalo: 1 cabaz grande de padeiro 11\$00; malas de forma números 4, 5, 6, 7 e 8, respectivamente, 75\$, 80\$, 90\$, 110\$ e 120\$. Cestos números 3, 4, 5 e 7, 80\$, 90\$, 110\$ e 120\$; malas de viagem simples, números 5, 6 e 7, 2\$10, 2\$40 e 2\$80. Cadeiras de costa alta, 3\$00; de grade 10\$00; ditas de costa tecida 9\$00; de criança 4\$00; de gaveta 21\$00. Campe tecido 20\$00 e 17\$00.

Isto é o suficiente para se avaliar da gândia da tais indivíduos.

Os reclusos destas oficinas em tais condições, apenas produzem o equivalente à importância contratual da direção 2000 diários, de que só recebem 50\$00.

Mas a avaliar pelo costume, cair-lhe há a digníssima direção em cima, de regulamento na mão e serão todos fechados até que se resolvam a deixarem-se explorar ignobilmente, porque a direção ao fazer os arrendamentos das oficinas não faz nada que salvaguardar os interesses dos reclusos. Para estes é só deveres e nada mais.

Estes processos de roubar o suor dos reclusos foi posto em prática pela direção, contra os que por sua conta trabalhavam, para encobrir uns desfalcos que há nas oficinas de marcenaria e sapateiros, e cujas responsabilidades querem imputar aos reclusos. Agora os senhores arrematantes julgam-se no direito de roubar muito mais ainda do que a própria direção.

Para estas infâncias foram todos os arrematantes instigados pelo "Saloio", tendo-se recusado, entre eles, o arrematante com oficina de carroças José Maria de Araújo, que se negou terminantemente a pactuar em tal roubaileira, a-pesar-de instado quatro vezes.

Os reclusos destas oficinas pedem provisões a quem de direito para evitar más consequências. — *Um recluso.*

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil ás boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos á administração de *A Batalha*.

## CARTA DO PORTO

### E preciso trabalhar muito

PORTO, 6. — Um oficial inferior do exército, muito embutido na sua marcialidade autoritária, exclamou ao falar-se na hipótese da tentativa da promulgação do horário das 10 horas de trabalho nas fábricas e oficinas: "É uma medida acertada; nós estamos numa situação de regeneração nacional, de rejuvenescimento financeiro-económico, para cuja vitalidade do país o operário não tem o direito de se recusar." O referido oficial inferior esqueceu-se

E' ainda para estas coisas que os fiscais do Estado andam sempre rabisos à caça da multa. Os guardas fiscais, por exemplo, assemelham-se, por vezes, a lobos quando descem ao povoado: esfomeados por dinheiro, não têm consideração pelas boas normas educativas, filam-se quem for e donde for... Não há vexames a que eles nos sujeitem.

Ontem invadiram a Praça do Bolhão. Viram lá uns homens que não conheciam. Não os viram puxar de ascendentes, mas ao fim da força pretenderam que eles as tivessem... E se pudessem meter-lhes algumas nos bolos!

Calcularam o montante da multa; por cálculos também, dividiram também as percentagens que lhes poderia caber. E-zás! — obrigaram todos os cidadãos que se encontravam no Bolhão a ir ao pôsto camarário sofrer os vexames duma revista em forma...

Desolado! Cálculos matemáticos desfeitos nas tristes penitúrias! Nem uma acendente encontrada! Nem uma se pôde, furtivamente, encanar no bôsco do colete dum dos revisados! Nem o rebuçado dumulatina, as menos para amostra!

Furiosos pela infiúscia do assalto, pelos protestos gerais do resto público que presenciam tão insulto ato, puxaram de pistolas e... prenderam o dono dum a barraca, do qual querem fazer uma *isca*...



### Do estatuto confederal

#### CAPÍTULO I DOS OBJECTIVOS

Artigo 1.º — A Confederação Geral do Trabalho constitui-se com os seguintes objectivos:

1.º — O agrupamento, sob a base federativa autónoma, de todos os trabalhadores assalariados no país, para a defesa dos interesses económicos, sociais e profissionais, pela elevação constante da sua condição social e cultural.

2.º — Desenvolver, fora de toda a escola política que presenciam tão insulto ato, puxaram de pistolas e... prenderam o dono dum a barraca, do qual querem fazer uma *isca*...

3.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para ajudar mutuas numas comum "inteligência", que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

4.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para ajudar mutuas numas comum "inteligência", que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

5.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para ajudar mutuas numas comum "inteligência", que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

6.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para ajudar mutuas numas comum "inteligência", que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

7.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para ajudar mutuas numas comum "inteligência", que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

8.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para ajudar mutuas numas comum "inteligência", que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

9.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para ajudar mutuas numas comum "inteligência", que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

10.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para ajudar mutuas numas comum "inteligência", que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

11.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para ajudar mutuas numas comum "inteligência", que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

12.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para ajudar mutuas numas comum "inteligência", que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

13.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para ajudar mutuas numas comum "inteligência", que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

14.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para ajudar mutuas numas comum "inteligência", que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

15.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para ajudar mutuas numas comum "inteligência", que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

16.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para ajudar mutuas numas comum "inteligência", que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

17.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para ajudar mutuas numas comum "inteligência", que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

18.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para ajudar mutuas numas comum "inteligência", que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

19.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para ajudar mutuas numas comum "inteligência", que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

20.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para ajudar mutuas numas comum "inteligência", que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

21.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para ajudar mutuas numas comum "inteligência", que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

22.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para ajudar mutuas numas comum "inteligência", que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

23.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para ajudar mutuas numas comum "inteligência", que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

24.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para ajudar mutuas numas comum "inteligência", que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

25.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para ajudar mutuas numas comum "inteligência", que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

26.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para ajudar mutuas numas comum "inteligência", que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

27.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para ajudar mutuas numas comum "inteligência", que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

28.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para ajudar mutuas numas comum "inteligência", que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

29.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para ajudar mutuas numas comum "inteligência", que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

30.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para ajudar mutuas numas comum "inteligência", que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

31.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para ajudar mutuas numas comum "inteligência", que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

32.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para ajudar mutuas numas comum "inteligência", que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

33.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para ajudar mutuas numas comum "inteligência", que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

34.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para ajudar mutuas numas comum "inteligência", que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

35.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para ajudar mutuas numas comum "inteligência", que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

36.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para ajudar mutuas numas comum "inteligência", que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

37.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para ajudar mutuas numas comum "inteligência", que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

38.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para ajudar mutuas numas comum "inteligência", que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

39.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para ajudar mutuas numas comum "inteligência", que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

40.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para ajudar mutuas numas comum "inteligência", que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

41.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para ajudar mutuas numas comum "inteligência", que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

42.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para ajudar mutuas numas comum "intelig